

# A obesidade no processo criativo de Fernanda Magalhães

Júlia Almeida de Mello

DOI: <https://doi.org/10.22409/gambiarra.0606.13-29>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo trazer à tona uma reflexão sobre o corpo feminino obeso na arte contemporânea, tomando como base o projeto artístico de Fernanda Magalhães. A artista visual londrinense mostra-se híbrida na utilização de técnicas e materiais e possui uma poética autorreferencial. Apresenta projetos que podem ser tidos, entre outras coisas, como questionamentos frente ao padrão estético feminino aparentemente imposto pela mídia, cultura e sociedade, de uma maneira geral. Estende sua forma ao próprio trabalho. Inconformada com a frequente associação do obeso com algo que incomoda, que é deslocado, utiliza o corpo como protesto, posicionamento político contra a hegemonia da magreza. Suas produções permitem discussões entrelaçadas envolvendo, principalmente, arte, gênero e política.

**Palavras-chave:** arte, Fernanda Magalhães, obesidade, gênero, processos criativos

**Abstract:** This article aims to bring up a reflection on the obese female body in contemporary art, on the basis of the artistic project from Fernanda Magalhães. The visual artist from Londrina shows herself hybrid in the use of techniques and materials and has a self-referential poetic. Presents projects that can be taken, among other things, questions facing the feminine aesthetic standard seemingly imposed by the media, culture and society, in general. Extends her shape in her work itself. Disagreeing with the frequent association of obesity with something that bothers, which is misplaced, uses the body as a protest, political stance against the hegemony of thinness. His productions allow intertwined discussions involving, mainly, art, gender and politics.

**Keywords:** art, Fernanda Magalhães, obesity, gender, creative process

Imagens:

Página 16:  
Fernanda Magalhães  
*Autorretrato no RJ*, 1993.  
(Fonte: [http://projetos.extras.ufg.br/seminariodeculturavisual/images/anais\\_2012/29\\_a\\_mulher\\_gorda.pdf](http://projetos.extras.ufg.br/seminariodeculturavisual/images/anais_2012/29_a_mulher_gorda.pdf))

Página 19:  
Fernanda Magalhães  
*Gorda 9*, da série *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, 1993.  
(Fonte: <http://www.flickr.com/photos/fernandamagalhaes>)

Página 23:  
Fernanda Magalhães  
*Classificações Científicas da Obesidade*, 2000.  
(Fonte: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/378>)

Página 25:  
Fernanda Magalhães  
*A Natureza da Vida*, 2011.  
(Fonte: <http://fermaga.blogspot.com.br/>)

# A obesidade no processo criativo de Fernanda Magalhães

Fernanda Magalhães, artista visual híbrida na utilização de técnicas e materiais, é londrinense e possui uma poética autorreferencial. Apresenta projetos que podem ser tidos, entre outras coisas, como questionamentos frente ao padrão estético feminino aparentemente imposto pela mídia, cultura e sociedade de uma maneira geral. Estende sua forma ao próprio trabalho. Inconformada com a frequente associação do obeso com algo que incomoda, que é deslocado, utiliza o corpo como protesto, posicionamento político contra a hegemonia da magreza.

Seu contato com a fotografia ocorreu desde cedo, por influência do pai que era jornalista, poeta, ator e artista. Com seis anos conheceu o laboratório fotográfico da tipografia e decidiu ser fotógrafa. (MAGALHÃES, 2008, p. 26) E foi a partir daí que construiu a sua poética: “Estive sempre em várias fronteiras, de identidades imprecisas, múltiplas e rizomáticas. Mas a fotografia perpassou tudo”. (MAGALHÃES, 2008, p. 27)

Uma das técnicas recorrentes nos seus trabalhos é intitulada por ela de “fotografias contaminadas”. Colagens, ranhuras, manuscritos, mistura de elementos e materiais junto às fotos que também sofrem manipulações, representam a extensão de olhares e a amplitude das formas, características marcantes em sua arte.

Como indica, sua produção surge com o sentimento de opressão por seu corpo não figurar nos ideais de beleza femininos:

Este corpo que constrói o trabalho também foi o que me levou a sofrimentos sucessivos, devido ao preconceito em relação à sua forma, pois, afinal, sou uma mulher gorda. Estas dores da exclusão levaram-me a desistir das expressões pela dança ou pelo teatro, as quais também integraram minha formação. Expor



através do corpo ficou represado. Um corpo fora do padrão deve ser contido, assim, a certa altura da vida, parei de encenar e de dançar. Esta contenção extravasou-se pelo trabalho fotográfico, através do corpo, em suas performances. O autorretrato e as autobiografias vieram à tona. (MAGALHÃES, 2008, p. 94)

No período em que saiu de Londrina para estudar fotografia no Rio de Janeiro, na década de 1990, passou a sentir-se desconfortável com sua estrutura física. Lá, notou um exagerado culto ao corpo que a angustiou e a fez questionar a sua corpulência. (MAGALHÃES, 2008)

A partir daí, Magalhães iniciou um caminho discursivo envolvendo corpo, gênero e identidade que teve como primeiro embate a escolha<sup>1</sup> entre emagrecer e manter-se gorda. Aos poucos, como veremos, os embates foram se desenvolvendo para a defesa do “fora de forma” em detrimento da “boa forma”, o não aceite de imposições ao corpo feminino e de determinados discursos médicos que permeiam nossa sociedade, entre outras questões. Se esboçarmos uma esquematização do desenvolvimento do processo criativo da artista e a forma que seu corpo foi moldando seu trabalho, poderemos observar três momentos marcantes: (1) O sentimento de não aceite da

<sup>1</sup> Segundo Mouffe (2007), as questões propriamente políticas sempre envolvem escolhas entre alternativas opostas, antagônicas.

sociedade sobre seu corpo obeso, resultando em uma fase de isolamento e exclusão; (2) um enfrentamento da artista, buscando uma homologação da sua forma corpórea e (3) a consolidação do papel de Fernanda como uma artista cujos trabalhos contribuem para “a contestação da hegemonia dominante”. (MOUFFE, 2007, p. 67, tradução nossa)

O primeiro momento (1) está diretamente relacionado com a estadia de Magalhães no Rio de Janeiro. Seus trabalhos expressam relações de poder e submissão, nos quais ser magro parece indicar uma ordem que ela não cumpre. Cabe abrir um parêntesis para considerarmos o que chamamos de ordem como sendo “a articulação temporal e precária de práticas contingentes” e que resulta de práticas hegemônicas sedimentadas. “Nunca é a manifestação de uma objetividade mais profunda e exterior às práticas que a originam”. (MOUFFE, 2007, p.62-63, tradução nossa) Assim sendo, podemos inferir que onde há ordem há exclusão, se ser magro é a “lei”, ser gordo implica em isolamento.

A série *Autorretrato no RJ* (1993), criada a partir de fotografias, mostra o início de uma pesquisa com o próprio corpo, em que podemos visualizar o sentimento de exclusão da artista, isto é, o “peso” de ser obesa. Na Fig. 1 ela surge encolhida em um quarto, isolada, com o corpo pouco revelado pelas vestes longas, sob um colchão, segurando um carrinho de mala vazio. Trata-se de uma fotografia tirada de modo improvisado com a câmera pendurada na janela, no apartamento em que morou, ainda sem mobília, com o colchão emprestado. (MAGALHÃES, s.d) Ela parece se esconder e evita o confronto com a câmera fotográfica. (RIBEIRO, 2013) Aproximamos a situação com o aprisionamento de um corpo que deseja ser libertado.

Em termos de fotografia, a artista se considera influenciada por José Oiticica Filho (1906-1964) e Geraldo de Barros (1923-1998) que “[...] causaram uma importante ruptura na fotografia brasileira e permitiram a expansão desta linguagem através da quebra com as imposições e com conceitos fechados”. (MAGALHÃES, 2008, p. 37)

Retomando aspectos políticos no trabalho de Magalhães, debruçamo-nos sobre os escritos de Mouffe que dizem que devemos reconhecer o caráter hegemônico de todo o tipo de ordem social e o fato de que toda sociedade seja o produto de uma série de práticas voltadas a estabelecer ordem em uma estrutura de contingência”. (2007, p. 62, tradução nossa) Dito isto, podemos interpretar as produções da artista como uma busca por repensar a hegemonia da magreza<sup>2</sup>, ou seja, como forma de reavaliar os discursos dominantes que versam sobre a aparência magra<sup>3</sup>, esbelta, com pouca gordura corporal, como sinônimo de saúde, glamour e beleza. Essa hegemonia pode ser aproximada ao conceito de *masculinismo* utilizado por Bhabha: uma indicação de uma “posição de poder autorizada pelo fato de que supostamente engloba e representa a totalidade social”. (BHABHA apud DEUTSCHE, 2006, p.1, tradução nossa) E pode, portanto, ser aproximada de enfoques idealistas que permeiam a arte. Se durante séculos tivemos na arte a ideia da obra como uma entidade completa e autônoma, capaz de elevar os espectadores acima da contingência da vida material (DEUTSCHE,

2 Embora haja uma tentativa da mídia e de todo o sistema cultural em valorizar o que se tem chamado de “diversidade” (incluindo corpos “acima do peso”, com a criação de nichos plus size, por exemplo), notamos que o corpo identificado como “fora de forma” não figura como personagem principal e tampouco é tido como um exemplo a ser seguido.

3 Estendendo para “torneada”, tendo em vista a febre das academias e dos suplementos alimentares que prometem tônus muscular.

4 Segundo Peter Stearns (2002), a partir de 1890 diversos fatores (medicina, moda, guerra) contribuíram para uma mudança no posicionamento da gordura, tornando-a mal vista pela sociedade ocidental. O autor utiliza o termo “The turning point” para designar tal mudança.

2006), temos, a partir do final do século XIX<sup>4</sup>, no corpo a ideia da magreza como uma qualidade, ligada ao bem estar físico e mental, capaz de elevar o indivíduo ao status de “bem controlado”, “equilibrado”. Através dessa audaciosa analogia, podemos pensar na existência não somente da instituição estética, mas de uma “instituição do corpo magro” como sendo “um campo de batalha masculinista – um âmbito autoritário antes que democrático agonístico”. (DEUTSCHE, 2006, p.3, tradução nossa)

Não devemos, portanto, esquecer a influência que os padrões de corpos esculpidos na arte tiveram para a instituição da magreza e também para a supervalorização do gênero masculino. Lawler em *Statue before Paint* (1982) aponta a arte como instituição de reprodução das normas sexuais e veneração da cultura patriarcal. (DEUTSCHE, 2006) “A escultura neoclássica idealizada, substituta de um corpo ideal, materializa a fantasia falocêntrica do eu”. (DEUTSCHE, 2006, p.7, tradução nossa). Se enxergarmos esse âmbito autoritário nas exigências de padrões do corpo, veremos a necessidade de considerarmos o papel da arte crítica indicado por Mouffe (2007), de dar voz aos silenciados, fomentando o dissenso, tornando visível o que o consenso deseja apagar, obscurecer.

Assim sendo, notaremos que há uma tentativa, a partir do segundo momento (2), de Fernanda Magalhães sair da zona de isolamento e mostrar-se como um “sujeito-corpo que resiste à normalização” buscando “pontos de fuga frente a códigos” que envolvem imagens e instituições. (PRECIADO, 2010, p. 55) Dessa forma, a artista passa a ampliar seus questionamentos, exterioriza seu discurso e mostra um corpo “rude”, que subverte.

A série *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, iniciada em 1995 é decorrente de um projeto homônimo desenvolvido em 1993 que conquistou o VII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da FUNARTE/MinC. (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007) Com ele, Magalhães pôde aprofundar a sua pesquisa artística em torno da obesidade, questões de gênero e discursos médicos, apropriando-se inclusive da ironia, “peça-chave” bastante utilizada na luta contra poderes instituídos. Para Mignon Nixon, em acordo com Freud, esse artifício faz com que seja possível desafiar algo respeitável causando efeitos agradáveis. (DEUTSCHE, 2006) Os trabalhos de Virginia Woolf que buscavam discutir as relações de gênero e autoridade das instituições, e de Louise Lawler, artista que critica as disposições e organizações de instituições artísticas associando a elementos como a cultura patriarcal são alguns exemplos. Haraway (2009) reforça o papel político da ironia considerando-a uma “estratégia retórica”.

Os vinte e oito trabalhos que compõem a série mostram a extensão dos questionamentos da artista envolvendo gênero e incluem outros corpos:

[...] corpos fragmentados que, recortados, manipulados, impressos, reconstituídos e *linkados* com outros corpos, textos, cores e formas, instigam e afetam o observador.

A obesada Vênus  
permite a  
fertilidade e o uso do colo

Uma jovem encicra uma lista de pedidos aos aliados nãopontos. O primeiro: "Ser vista como um ser humano sexual". O ú-

Uma busca por romper esta lógica dominante da  
aparência expondo feridas, sentimentos e corporalidades.  
(MAGALHÃES, 2008, p. 91)

Aqui se fazem presentes as “fotografias contaminadas”<sup>5</sup> com apropriações de trabalhos de outros artistas e de imagens da revista pornográfica norte-americana *Buf* conhecida por utilizar modelos obesas. (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007, p. 61)

Observamos o quão difícil é, ainda hoje, encontrar revistas com modelos que escapem dos padrões de magreza incentivados, sobretudo, pela moda. Apesar dessa escassez, existe uma intenção por parte do mercado de incluir esses corpos na mídia. Mas, como sugere Bordo (2003, p. xxxi), os discursos sobre normalização do corpo obeso não devem ser recebidos com ingenuidade. Para a autora, a diversidade tão em voga pode estar atrelada ao mesmo jogo mercadológico responsável pela hegemonia do *blue-eyed blonde* que transformou rugas e celulites em doenças. Trata-se de uma estratégia para atingir um público cada vez maior.

O projeto que resultou na série iniciou quando Magalhães decidiu pesquisar a ocorrência da mulher gorda nua na fotografia. Um dos artistas com o qual ela esbarrou foi Joel-Peter Witkin, que utiliza temas por vezes macabros associados aos excluídos e marginalizados pelos padrões de normalidade médica (anões, hermafroditas, *mulheres gordas* etc.). Os trabalhos de Magalhães dialogam com os de Witkin por chacoalharem os discursos médicos, necessitarem de uma preparação dos modelos e cenários e passarem por processos em laboratórios e de edições.

A série também possui pontos em comum com as “ordenações” de Lawler que “mostram objetos artísticos em seu contexto de exibição, chamando a atenção para o aparato representacional de instituições de arte específicas e, ao mesmo tempo, da ‘arte como instituição’”. (DEUTSCHE, 2006, p. 4, tradução nossa) Lawler, nas décadas de 1970 e 1980, realizou diversos trabalhos em fotografia envolvendo as disposições de esculturas e pinturas figurativas em museus de arte. As “ordenações” de Fernanda (se nos apropriarmos do termo) mostram corpos tidos como fora do padrão em um contexto de contestação. Corpos organizados em trabalhos cujos títulos são enumerados sequencialmente (*Gorda 1, Gorda 2, Gorda 3* etc.) a fim de refletir a generalização da mulher gorda, vista muitas vezes apenas por sua corporeidade. (RIBEIRO, 2013)

Em *Gorda 9* (Fig. 2), Magalhães dispõe no centro do trabalho sua fotografia e em ambos os lados o corpo de uma mulher magra, cada lado com uma metade do corpo.

Sua cabeça foi substituída pela cabeça da *Vênus de Willendorf* e em torno de seu corpo lemos: “A cabeça da Vênus de Willendorf da fertilidade e deusa do colo”. Magalhães se apropria da deusa corpulenta para salientar que a gordura deve ser entendida em um campo mais amplo, distante da frequente associação negativa com doenças:

Recriando-se como deusa-mãe, deusa da fertilidade de tempos imemoriais, para além de uma atitude de autovalorização, a artista promove uma imagem positiva da mulher obesa, fonte da vida, da felicidade, origem da própria espécie. (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007, p. 64)

As autoras prosseguem o estudo em torno da imagem “acéfala” de Magalhães, indicando que qualquer cabeça pode se encaixar ali, pois esconder o próprio rosto pode denotar que “[...] seu problema não é individual, mas coletivo”. (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007, p. 66)

Ela se encontra em uma altura maior que as metades da mulher magra e sob uma espécie de pódio feita por um recorte de um texto que diz: “Uma outra página enumera uma lista de pedidos aos aliados não gordos. O primeiro: ser vista como um ser humano sexual”. Identificamos um desejo em reafirmar a volúpia e de protestar contra as associações do gordo com algo distante do prazer sexual. O “tapa sexo” representado pela colagem em papel rosa reforça a ideia.

Como últimas considerações, dessa vez sobre toda a série, podemos dizer que o resultado se centra em processos de identificação da artista com o corpo gordo positivado. Assim, incluímos o trabalho de Fernanda Magalhães em um conjunto de práticas voltadas “a dar voz a todos os silenciados no âmbito da hegemonia existente”, lembrando que “sem dúvida, seu objetivo não é romper completamente com o estado atual para criar algo absolutamente novo” (MOUFFE, 2007, p.67-69) e mostrar formas de repensar a hegemonia da magreza.

A luta da artista em defender seu corpo condiz com o *agonismo* de Mouffe (2007) que prevê um conflito entre “adversários” e não entre “inimigos”. Magalhães não busca extinguir a magreza, mas exigir um espaço livre (ou pelo menos mais distante) de críticas ao corpo gordo.

Depois desta série, a artista passou a encarar, de forma aparentemente mais consistente, seu papel crítico no campo artístico. Vários projetos se entrecruzaram tornando mais clara sua abordagem sobre o corpo, as identidades e as contestações. Sua poética adquiriu um caráter coletivo, seu olhar voltou-se para o outro, misturou-se. Sua produção se tornou “mais localizada” dentro das estruturas sociais.

A partir de agora, trataremos reflexões sobre trabalhos do terceiro momento (3) no projeto de Magalhães, que entendemos como a consolidação de seu papel como artista que estremece os discursos hegemônicos.

### Subvertendo o poder médico

Se formos considerar o esboço feito acerca da esquematização do processo criativo da

artista, podemos incluir *Classificações Científicas da Obesidade e A Natureza da Vida* no terceiro momento (3). Depois de *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, Fernanda Magalhães passou a unir vozes dos “que até agora haviam sido produzidos como objetos abjetos do saber médico, psiquiátrico, antropológico [...]” (PRECIADO; CARRILLO, 2010, p. 61) que buscam um saber que questiona a hegemonia. A artista passou a encarar a arte como “[...] um campo aberto de experimentações da liberdade”. (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007, p.56)

*Classificações Científicas da Obesidade* condiz com seu desejo de estender-se “[...] ao corpo do outro, em especial ao das mulheres”. (MAGALHÃES, 2008, p. 90)

Nestes trabalhos, incorporo as tabelas médicas de classificação, as fronteiras do corpo, a relação com o mundo, com o outro e com as diferenças, expressando as sensações do meu corpo, os sofrimentos e as vivências, através das pesquisas realizadas e do arquivo de textos e imagens recolhidos ao longo dos anos. (MAGALHÃES, 2008, p. 93)

Retomando algumas ideias já explicitadas anteriormente, pensar o corpo feminino, sobretudo o obeso significa considerar os efeitos dos discursos hegemônicos sobre ele. Em nossa cultura, como sugere Bordo, o corpo é tido como principal caminho para a autorrealização. (2003, p. 301) Moldando-o, esculpindo-o, construindo-o, estaremos fazendo o mesmo com a própria vida. A medicina tem um importante papel na disseminação do corpo magro como aliado à autorrealização. Pouco índice de gordura corpórea é frequentemente associado à saúde. Junto a isso, importantes canais como a moda e a mídia expõem o corpo magro, esbelto, torneado em imagens diárias que denotam, muitas vezes, aceitação, segurança e autocontrole. “Nossos olhares estão contaminados por essa poluição visual, uma espécie de terrorismo global, em que se deseja um corpo impossível, inatingível, idealizado, retocado e plastificado”. (MAGALHÃES, 2008, p. 97)

Magalhães parece considerar a situação deste corpo na contemporaneidade e através da ampliação de fotografias de mulheres nuas em tamanho real incluindo ela mesma, realizou a instalação. Vários corpos referenciavam as tabelas médicas utilizadas para classificação do nível de gordura corporal. Cada um com a sua forma, mostrando que não se pode generalizar. Nem toda gorda é doente ou infeliz, nem toda magra é saudável ou autorrealizada. A produção indica que devemos nos ater ao poder de todas essas demandas culturais sobre nossa corporeidade. A definição de “normal” dada pela medicina é extremamente escorregadia. Não costuma considerar gênero e raça e frequentemente toma como padrão um corpo branco e/ou masculino. (BORDO, 2003, p. 34)

As tabelas médicas que regulamentam o quão gorda uma pessoa é através de



denominações como “normal”, “sobrepeso”, “obesa” e “obesa mórbida” serviram de base para a construção do trabalho que parece combater a generalização de corpos e indivíduos. O trabalho de Fernanda Magalhães levanta a questão sobre a eficácia dessas categorizações e a frequente associação negativa a que essas nomenclaturas recebem, na medida em que aumentam o índice de gordura.

Como mostra a Fig. 3, foram mantidas apenas as bordas dos corpos fotografados. As “massas” foram recortadas. Tratava-se de revelar corpos vazios, sem carne ou gordura. Uma maneira de ironizar o discurso da medicina que favorece a redução ou o corte de gordura corporal.

Os visitantes poderiam se dispor ao lado destes contornos e experimentar novos

“lugares-corpos” que se encontravam suspensos sob fios de nylon. Formas corpóreas de diversos tamanhos em suportes que pareciam flutuar traziam o contraste entre pesado e leve.

O jogo de provocação se dava justamente pela permanência dos excessos afinal, embora a “massa corpórea” tenha sido retirada, sobraram as margens que davam forma a estes corpos generalizados, vistos muitas vezes apenas superficialmente. Era possível se imaginar dentro deles, estando neles. Essa experiência de vivenciar vários e diferentes corpos permite uma melhor compreensão do outro e do espaço.

O público não foi o único a usufruir do projeto. As mulheres que cederam suas formas para a fotografia certamente compartilharam experiências e se mostraram como modelos que rompem estereótipos negativos. Para Ribeiro (2013), transgrediram por estremecer a idealização do corpo saudável. Nua reconcionavam o olhar do espectador, acostumado às imagens diárias de corpos femininos longilíneos atrelados à sensualidade.

Podemos ler esse trabalho como um reposicionamento sobre os corpos que escapam das normas médicas, dos discursos científicos e da hegemonia da magreza ainda perpetuada. Um exemplo da indissociação da esfera artística com a ética e a política que permite um melhor entendimento sobre nós mesmos e o outro.

Unida a outros corpos, Magalhães demonstra a importância em não se manter uma atitude passiva frente às imposições médicas e culturais. A artista envolve o público que se torna “nômade das formas” ao apoiar-se e dispor-se em/sobre outros territórios. Pensa as fragilidades e potências do corpo e sua relação com o eu e o espaço público, considerando as materialidades e imaterialidades. Transmite mensagens sobre a diversidade e brinca com os perigos das categorizações em nossa sociedade ao mesmo tempo em que desenvolve uma rede de formas inter-relacionadas que transcende fronteiras. Permite uma interação que ocasiona certa autonomia. Faz corpos “vazios” permanecerem “cheios” e dançarem, mesmo que estejam suspensos.

### Transcendendo a subjetividade

Aos poucos a poética de Magalhães foi adquirindo um caráter coletivo. Seu olhar voltou-se para o outro, misturou-se. Sua produção se tornou “mais localizada” dentro das estruturas sociais. Em *A Natureza da Vida* observamos ainda melhor a expansão da obesidade na obra da artista, que como vimos, iniciou-se através de um processo subjetivo.

Convidando outros artistas, Fernanda Magalhães realiza com o projeto, que iniciou em 2000 e ainda está em desenvolvimento, performances em diferentes contextos e é fotografada e filmada no espaço público, “o campo de batalha onde se enfrentam diferentes projetos hegemônicos”. (MOUFFE, 2007, p.64, tradução nossa) Uma das



ações, realizada em 2011, refere-se a um protesto contra a retirada das árvores do Bosque Central de Londrina (Fig. 4).

Magalhães utiliza seu corpo obeso e nu para ocupar esse ambiente devastado. Critica a posição do poder público que visava modificar a paisagem verde criando nessa área uma rua com circulação de veículos e com pontos de ônibus e ao mesmo tempo confronta normas vigentes. Mostra-se como um indivíduo (e um corpo) que não se conforma. Discute questões sobre o corpo, gênero, identidade e meio ambiente ameaçado (sentimentos de opressão) em uma única ação sem hierarquizá-los. O trabalho se assimila com as denúncias de exclusões, “[...] as falhas das representações e os efeitos de renaturalização de toda política de identidade”, feitas pelo movimento *queer* que “[...] podia ser um exemplo de um intenso questionamento dos discursos hegemônicos da cultura ocidental”. (PRECIADO; CARRILLO, 2010, p. 51 e 58)

Na fotografia apresentada, registro da performance e também peça fundamental do projeto, observamos a dramatização do ambiente. Diversos troncos espalhados ao chão em tons de frieza e poucas árvores sobreviventes ao fundo. Fernanda envolve um deles em seu colo, prostrando-se como uma figura maternal. Seu corpo nu revela uma pele delicada que se desdobra em contraste à rigidez e aspereza da madeira. A imagem clama pelo impedimento da destruição do ambiente, ao mesmo tempo em que abrange um contexto mais generalizado da defesa de *qualquer natureza*.

O trabalho foi realizado durante a ação que foi movida junto ao *Grupo Ocupa Londrina* e a *ONG MAE Londrina*. Foi conseguido o embargo da obra e o local foi transformado em área de preservação permanente. (MAGALHÃES, 2012)

A performance teve um papel fundamental na transformação do processo criativo de Fernanda Magalhães e no englobamento de outras questões. Como observamos, no início, intimidada com a hegemonia da magreza, realizava ações entre quatro paredes, sozinha. Deixou de dançar e praticar o teatro, artes que compuseram sua formação, devido ao preconceito em relação à sua forma. Aos poucos, conta, a repressão foi sendo rompida assumindo forma de performances que passaram a permear seu cotidiano. Foi a partir de então que assumiu, conscientemente, suas ações.

A performance surgiu como necessidade de expressar pelo corpo, buscando deixar transbordar minhas faces submersas. Extravasar é assumir esta linguagem como arte e como vida. As dores transformaram-se pelo trabalho. A performance é uma forma de voltar a dançar, trazendo as transformações do meu corpo que, liberto de amarras, *busca, no outro e na ação da troca*, a sua própria reconstrução. (MAGALHÃES, 2008, p.84)

Para Magalhães, a performance é fundamental para dar significado ao *A Natureza da*

*Vida*. A partir dela pode fazer provocações e evocar emoções que lhe transbordam. “São sentimentos que quero expressar sobre o corpo, os preconceitos, a invisibilidade, a aparência, as instituições...”. (LUPORINI, 2013)

Como Lawler, com o projeto a artista busca advertir as pessoas sobre o perigo de se manter uma posição passiva frente às imposições do sistema (DEUTSCHE, 2006) e mostra que parece ser possível transcender o corpo subjetivo e dar voz a uma coletividade.

## Últimas palavras

A arte de Fernanda Magalhães tem papel fundamental na amplitude do campo político e na consequente luta contra saberes hegemônicos. Partindo de uma busca sobre si, idealizou um espaço sensível para compor suas vivências, tormentos e frustrações. Com as descobertas ao longo do caminho, observou que deveria adentrar outros patamares e refletir também o outro. Passou então a se misturar, ver, enxergar a pessoa ao lado, o mundo, e traduzir diferentes vozes. Sua produção se tornou “mais localizada” dentro das estruturas sociais.

Falando metafóricamente, em meio a cortes, recortes e dobras, a artista apresenta uma liberdade que a sociedade, centrada em discursos por vezes generalizados, ainda não foi capaz de oferecer.

---

Júlia Almeida de Mello é mestrande em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), pesquisadora no Laboratório de Pesquisa e Extensão em Artes (LEENA), professora voluntária da disciplina Cor no curso de graduação em Artes da UFES, bacharel em Design de Moda pelas Faculdades Integradas Espírito Santenses (FAESA/2005), Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/2008) e MBA em Design e Produção de Moda pelo Centro Universitário de Vila Velha (UVV/2008). Também atua no ramo da estampa e confecção de peças de vestuário e decoração. É proprietária da marca Blue Tree.

## Referências

BORDO, Susan. *Unbearable Weight: feminism, western culture and the body*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2003.

DEUTSCHE, Rosalyn. El rudo museo de Louise Lawler. In: *Transversal*: Eipcp Multilingual Webjournal, jun. 2006. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/0106/deutsche/es>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

LUPORINI, Fábio. *Jornal de Londrina*. Londrina, ago. 2013. Disponível em: < <http://www.jornaldelondrina.com.br/cultura/conteudo.phtml?id=1396888>>. Acesso em: 02 out. 2013.

MAGALHÃES, Fernanda. *Corpo re-construção ação ritual performance*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. 260 p.

MAGALHÃES, Fernanda. O corpo como protesto. *Zunái: Revista de Poesia e Debate*, ano 7, n. 25, ago. 2012.

MOUFFE, Chantal. Prácticas artísticas y política democrática en una era pospolítica. In: *Prácticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: MAC/UAB, 2007.

PRECIADO, Beatriz; CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado, por Jesús Carrillo. *Poiésis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, Universidade Federal Fluminense*. Niterói, n. 15, p.47-71, jul. 2010.

RIBEIRO, Vinícios Kabral. A mulher gorda nua na fotografia: retratos e autorretratos de Fernanda Magalhães. *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia, n.5, 2012.

RIBEIRO, Vinícios Kabral. Engordurando a arte contemporânea: as imagens de Fernanda Magalhães. In: *Com Ciência*. Revista eletrônica de jornalismo científico. Campinas, n. 144, fev. 2013.

STEARNS, Peter. *Fat History: Bodies and Beauty in the Modern West*. Nova York: NYU Press, 2002.

TVARDOVSKAS, Luana; RAGO, Luzia. Fernanda Magalhães: arte, corpo e obesidade. In: *Caderno Espaço Feminino: Revista do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Uberlândia*. Uberlândia, v. 17, n.1, 2007.

### Referências eletrônicas

MAGALHÃES, Fernanda. *Conexões Arte Vida*. Disponível em: < <http://www.pixfolio.com.br/arq/1305836609.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

MAGALHÃES, Fernanda. *Fernanda Magalhães*. Disponível em: < <http://www.flickr.com/photos/fernandamagalhaes/>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

MAGALHÃES, Fernanda. *Fotografias e Anotações*: Blog de Fernanda Magalhães construído com trabalhos e anotações pessoais diárias desde dezembro de 2005. Disponível em: <<http://fermaga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2014.